

A CRIAÇÃO DE UM TEATRO ECOLÓGICO A PARTIR DAS NARRATIVAS DE CURUPIRA

Antonio Rogério dos Santos (Universidade Federal do Acre – UFAC)¹

Ananda Machado (Universidade Federal do Acre – UFAC)²

RESUMO

A pesquisa é um estudo de caso cujo tema é o Teatro Ecológico, e se problematiza da seguinte forma: pode o Teatro ser ecológico? Partir das narrativas de Curupira para vivenciar os experimentos cênicos, contribui nesse sentido? Para que se evidencie o caráter ecológico do Teatro a partir das narrativas de Curupira, a metodologia usada será revisão bibliográfica, seguida de jogos teatrais e dramatização das narrativas de Curupira. Essas histórias dos saberes indígenas populares, colhidas com os jovens do ensino médio, que durante o experimento cênico, além das inferências anotadas, responderão a dois questionários, um antes e outro depois das práticas. Esses servirão de baliza para a análise dos dados. O ambiente da pesquisa será a Escola Estadual Barão de Boca do Acre, no município de Boca do Acre – Amazonas.

PALAVRAS-CHAVE

Teatro ecológico; narrativas de Curupira; experiências cênicas.

ABSTRACT

This is the proposition of a research, a case study whose theme is the Ecological Theater, and is problematized as follows: Can Ecological Theatre be ecological? Do the narratives of Curupira contribute in this sense? The methodology used will be a bibliographic revision, followed by scenic experiments with theatrical games, dramatization and interpretation of the Curupira narratives which are stories of the

¹Graduado em Educação Artística pela Faculdade de Artes do Paraná. Pós Graduado Lato Sensu pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci- UNIASSELVI-SC em Arte Educação. Atualmente cursa o Mestrado em Artes Cênicas pelo PPGAC-Universidade Federal do Acre- UFAC e é professor pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino do Amazonas. Trabalha como Ator desde 1988.

²Doutora em História Social (PPGHIS-UFRJ); Mestrado em Memória Social (PPGMS/UNIRIO); Licenciatura Em Artes Cênicas (UNIRIO). Professora na Universidade Federal de Roraima/Colaboradora no PPGAC-UFAC. Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGEL-UFF); Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFRJ).

popular and indigenous knowledge, collected from the bibliography and from the young people of the high school, who during the scenic experiment, besides the annotated inferences, will answer two questionnaires, one before and the other after the experiment. These will serve as a guide for the descriptive analysis of the data. The research environment will be the Barão de Boca do Acre State School. In the city of Boca do Acre - Amazonas

KEYWORDS

Ecological theater; Curupira narratives; scenic experiences.

INTRODUÇÃO

O pesquisador que é paulista de nascimento, paranaense de criação, passou longa data vivendo dentro da floresta Amazônica, na localidade da floresta nacional do Purus-AM e hoje vive em Boca do Acre- AM, cidade rodeada pela floresta e sua história. Com o teatro se iniciou aos quatorze anos de idade influenciado pelos festivais internacionais de teatro de Londrina-PR, onde participou ativamente. Hoje, além de cursar o mestrado, leciona em uma escola de ensino médio, onde mantém ativos cursos de teatro para os alunos e toda a comunidade ao redor. Impulsionado pelo descaso municipal no que tange a falta de programas ambientais na cidade de Boca do Acre – AM, ingressou na pós-graduação lato sensu, propondo o estudo de uma Arte Educação com foco Ambiental através do Teatro, onde buscou sensibilizar alunos da Escola Estadual Barão de Boca do Acre sobre o descarte correto e a reutilização de embalagens plásticas e todo o material que se possa ser reutilizado a partir do consumo humano. Ali nasceu uma peça de teatro de bonecos composta de materiais reciclados. Na ocasião a pesquisa ficou refém da falta de um embasamento teórico no campo teatral, foi o que o instigou a ingressar no mestrado e buscar aprofundar a pesquisa por um teatro que contenha um viés ecológico e aqui estamos cheios de indagações.

O que é teatro ecológico? O teatro pode ser ecológico? Para responder a esses questionamentos, essa pesquisa faz uma viagem no tempo e busca, desde a década de 1969, retratar os experimentos cênicos que se intitulam ecológicos, chegando até os dias atuais. De forma mais acentuada, faz um grifo a quando o Brasil viveu a Eco92.

Influenciados por Ailton Krenak (2019) que nos propõe o sonhar, o cantar e o dançar, que são elementos cênicos presentes no teatro. Buscamos encontrar elementos eco sensíveis no cenário, no figurino, e principalmente no ator. O pensamento do autor indígena, que discorre sobre uma ecologia do ser, pensando também o homem como natureza, é algo que contribui diretamente para essa pesquisa.

Na busca por tornar nossos experimentos cênicos em ecológicos, buscamos as narrativas de Curupira porque essas são histórias dos saberes indígenas e populares espalhadas por todo o Brasil. O Curupira traz valor cênico na criação de um Teatro Ecológico, assim como as narrativas de vários seres encantados.

No percurso da pesquisa, percebemos que a forma de inserção do Teatro na discussão e na conscientização ecológica que se apresenta em algumas produções e performances por todo o Brasil, se mostra tangenciando a ecologia de forma ingênua. E quando buscamos por um teatro ecológico no meio dos autores teatrais ou teóricos do teatro, percebemos que esse tema foi ainda pouco contemplado. Optamos então pela pesquisa exploratória em virtude do pouco material sobre o assunto e da urgência em discutir a crise climática.

Os métodos adotados por essa pesquisa contam com o levantamento bibliográfico, coleta de relatos, entrevistas, questionários e um estudo de campo com experimentos cênicos realizados com alunos de ensino médio de uma escola estadual na cidade Boca do Acre- AM.

A pesquisa tem o objetivo de analisar possibilidades de trabalhar o caráter ecológico do teatro a partir das narrativas de Curupira. Pretendemos evidenciar o potencial ecológico do teatro; coletando narrativas de Curupira; dramatizando-as e estimulando um teatro ecológico a partir de experiências cênicas.

Augusto Boal desenvolveu o teatro do Oprimido que em nossa concepção trabalha a Ecologia do Ser. Boal colaborou diretamente para o surgimento do teatro ecológico nos Estados Unidos através das palavras do pesquisador Downing Class, juntamente com contribuição de Una Chaudhuri que provavelmente foi a primeira pessoa a cunhar o termo ecológico no teatro. A partir daí damos alguns exemplos dos experimentos teatrais ecológicos ocorridos na Califórnia-EUA. Há ainda o exemplo do Festival de teatro Ecológico que acontece todos os anos em uma ilha do mediterrâneo, ao norte da costa de Sicília-Itália denominada *Stromboli Festa di teatro eco logico*.

No Brasil, a Cia mineira Giramundo empreendeu durante cinco anos uma campanha de teatro ecológico. Há duas companhias de teatro acreanas envolvidas numa mensagem ecológica através do teatro de rua que acontece em Rio Branco.

Para descrever o Curupira partimos de uma história narrada por um morador da cidade Boca do Acre, sul do Amazonas. Buscamos evidenciar que além de um defensor da natureza, o Curupira preenche os palcos, é citado por Câmara Cascudo, está fortemente presente na literatura indígena, em histórias em quadrinhos, séries de tv e no Bumbódromo em Parintins.

Na última parte do artigo relatamos alguns dos experimentos cênicos, que tomaram como referência as narrativas de Curupira e a ecologia do ser. Além de Krenak (2019), o cantar, batucar e contar de Ligiéro (2019) inspiram nossas práticas.

1 ECOLOGIA DE CORPOS E MATERIAIS EM CENA: UMA BUSCA POR UM TEATRO ECOLÓGICO

Nas últimas duas décadas, mais precisamente em 1992, as Nações Unidas promoveram uma conferência mundial sobre os problemas climáticos no planeta. Essa viria legitimar e fortalecer a primeira conferência ocorrida em Estocolmo no ano de 1972, sobre o clima mundial. Vários cientistas e chefes de governo se debruçaram sobre as problemáticas que o planeta terra estava enfrentando. Esse encontro denominado Eco 92 estabeleceu vários acordos para a melhoria e qualidade de vida na terra, entre eles a agenda 21, documento assinado por 179 países em busca de estratégias para um desenvolvimento sustentável. O documento ficou estruturado em quatro seções: dimensões sociais e econômicas; conservação e gestão dos recursos para o desenvolvimento; fortalecimento do papel dos principais grupos sociais e meios de implementação.

A partir daí, cada país buscou a melhor forma de tornar pública a agenda e implementar ações que visassem minimizar os impactos sofridos pelo meio ambiente. Tornou-se chique virar ambientalista, surgindo um modismo ambiental no qual vários artistas hollywoodianos abraçaram a causa, entre eles o ator Leonardo DiCaprio, o cantor Bono Vox e a modelo brasileira Gisele Bündchen que veio a se tornar embaixatriz do meio ambiente pela Organização da Nações Unidas (ONU).

O teatro passou a incluir então o tema ecologia e várias empresas e governos estaduais, no intuito de dar uma resposta à sociedade e fazer de conta que realmente se

preocupam com os problemas ambientais que o planeta está enfrentando, usaram de artimanha teatral para falar de problemas ambientais.

Várias companhias de teatro imbuídas de um desejo de ajudar o planeta, foram atraídas a defender a natureza, mas como fazê-lo se para isso usaram no cenário uma árvore de Espuma (*Tolueno Dissociado de Metila*) + silicone, estanho e corantes)? Não parece contraditório? E assim seguem muitas produções teatrais em defesa do meio ambiente, cheios de bonecos de polipropileno, tecidos de TNT, e de toda a parafernália que é usada, mas dura milhões de anos para se decompor no meio ambiente.



Figura 1 “Aventuras no Mundo Encanado”

Fonte: <https://www.acritica.net/editorias/geral/semana-do-brincar-tem-educacao-ambiental-com-teatro-de-bonecos-da/149278/> acessado em 05/07/2020 às 23:00

Seria muito legal ensinar as crianças a proteger os animais e a defender a natureza, se a própria natureza dos materiais no espetáculo não fosse poluidora. Só essa cabeça de cutia vai levar um tempo ainda não estimado pelos pesquisadores para se decompor na natureza.

Material	TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO
Embalagens PET	Mais de 100 anos
Esponjas	Indeterminado
Filtros de cigarro	5 anos
Isopor	Indeterminado

Tabela 1 Tempo de Decomposição de Materiais

Fonte: <https://sites.google.com/site/planetearthtree/tempo-de-decomposicao-dos-principais-materiais> acessado em 05/07/2020 às 22:00

Em uma pesquisa simples no Google a respeito da decomposição de material, podemos provar o que estamos dizendo. Este material usado no fabrico da cabeça da cutia é o mesmo utilizado em esponjas de cozinha, como mostra a pesquisa acima, esse tipo de material ainda não tem tempo estimável de decomposição. Aí cabe a pergunta. Qual é o símbolo mais marcante? Qual a mensagem que chega ao interlocutor? O material usado na cena não deveria ser também um exemplo de prática não poluidora?



Figura 2 Peça de teatro: “Consciência todo mundo tem, o que falta é atitude

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VzJ8wGTu8IA> acessado em 05/07/2020 às 23:00

Aqui temos outro exemplo do teatro ecológico espalhado pelo Brasil. No fundo temos uma lona de PVC impressa a laser com temas da natureza e os personagens usando capacetes de isopor. Agora vejamos o título dessa outra matéria: peça de teatro leva educação ambiental para mais de 10 mil alunos da rede municipal.

Mostrei a imagem abaixo para minha filha de oito anos de idade e perguntei a ela: “minha filha o que há de ecológico nessa foto?” Ela me respondeu que não sabia, mas que talvez fosse a moça com blusa de onça no centro da cena, “e talvez a onça tenha matado a menina que está caída no chão”. Não dá para fazer julgamento da estética cênica e nem é a nossa intenção. Buscamos a partir desses exemplos, provocar reflexões. No caso do teatro ecológico, por mais que tentem se libertar, ainda se encontram emaranhados nas tranças do capitalismo selvagem, consumista e explorador.

Arte não é adorno;
Palavra não é absoluta;
Som não é ruído,
e as Imagens falam. (BOAL, 2008, p.2).

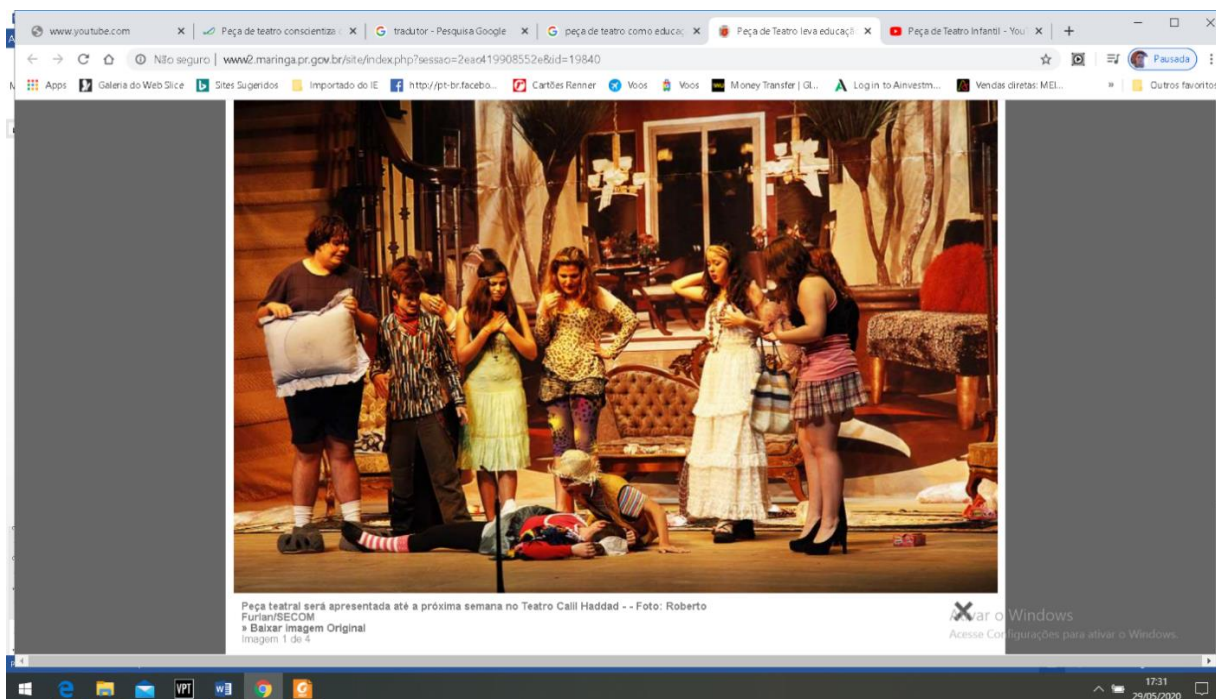


Figura 3 Grupo Elenco com a peça teatral “Luz, Câmera e Ação”

Fonte: <http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=2eac419908552e&id=19840> acessado em 05/07/2020 às 23:00

Como disse Boal, as imagens falam, também diz o dito popular: “mais vale uma imagem do que mil palavras”. E essa questão da imagem, ou seja, essa mensagem plástica que o teatro está levando às plateias do Brasil, merece um olhar científico, de modo a saber se realmente é um serviço ou um desserviço que o teatro está prestando às comunidades.

O analfabetismo estético, que assola até os alfabetizados em leitura e escrita, é perigoso instrumento de dominação contra os cidadãos intelectualmente imobilizados. Permite aos opressores, e provoca nos oprimidos, a subliminal Invasão dos Cérebros através da Palavra, da Imagem e do Som! (BOAL, 2008, p.2).

Como vem sendo tratada a questão ecológica nas cenas teatrais? Como os olhos artísticos estão assimilando as questões ambientais no nosso planeta? Como estão distribuindo essa visão para as plateias do Brasil?

Numa conversa em sala de aula virtual durante o mestrado, falávamos em propor um Teatro Ecológico, mas fomos questionados sobre a origem desse teatro, para esclarecer se seria educação ambiental ou uma preocupação do próprio teatro. Daí, vimos que na história do teatro ainda não há teóricos no Brasil que se dediquem à questão. E mesmo fora do Brasil há poucos dramaturgos que trabalham o tema.

Há um grupo de teatro de bonecos norte americano o *Bread and Puppet*, que tem uma preocupação política em seu país e faz desde o final da década de 1969 interferências que discutem várias questões sociais entre elas as climáticas.

Em 1970, Bread and Puppet mudou-se para Vermont, primeiro para uma residência no Goddard College, depois em 1975 para uma antiga fazenda de laticínios em Glover, no Reino do Nordeste. Em Vermont, foi criado o Anuário Nosso Circo da Ressurreição Doméstica, usando a paisagem pastoral para encenar produções ao ar livre em larga escala[...]. Peter decidiu acabar com o Circus em 1998, após a trágica morte de um membro da plateia em um dos acampamentos que haviam evoluído ao lado do Teatro. The Circus foi sucedido por um programa de verão com apresentações semanais e de menor escala. Nesse novo formato, o Teatro continua sua prolífica produção de novos espetáculos, abordando as questões da época – como militarismo, capitalismo e ecologia – além de remontar os clássicos espetáculos Pão e Fantoche dos anos 1960 e 1970. (Disponível em <About B & P's 50 Year History | Bread and Puppet Theater> acesso em 20/04/2021. Tradução nossa).

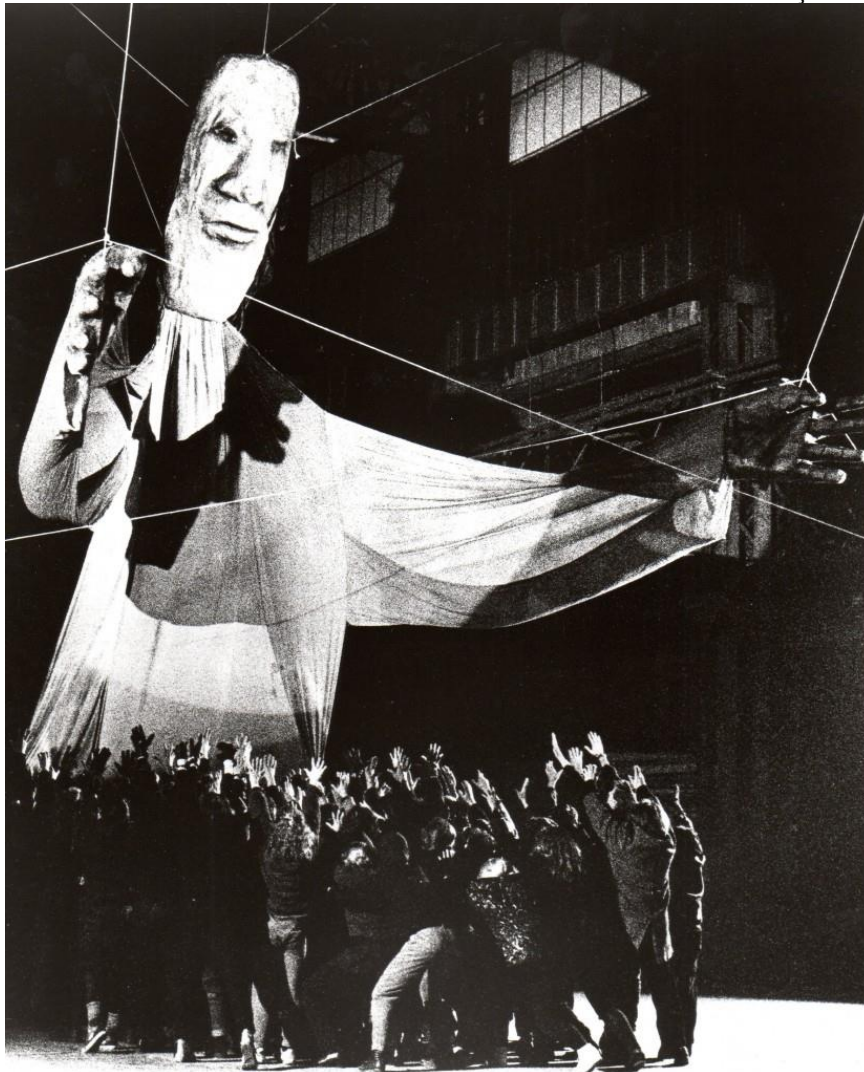


Figura 4*Bread and Puppet*

Fonte: Bread and Puppet Theater

Além do *Bread and Puppet*, encontramos outras referências para um teatro ecológico. Augusto Boal, um brasileiro, carioca, nascido na Penha, foi responsável pelo desenvolvimento do eco teatro nos Estados Unidos. Ele construiu um olhar sensível a partir do Teatro do Oprimido e com base nele, propôs o Teatro do Invisível e o Teatro Fórum.

Assim, grandes movimentos e transformações aconteceram na sociedade norte americana, promovidas pelo Teatro do Oprimido. Exemplo disso são as montagens feitas pelos grupos *Seattle Public Theatre* e do *Ukiah Players Theatre*, do norte da Califórnia. Com abordagens semelhantes, estes grupos trabalharam a questão ecológica e ambiental dentro do jogo do Teatro Fórum e às vezes dentro do Teatro do Invisível. Portanto a contribuição de Boal foi indireta na criação de um eco teatro. Outros grupos inspiraram-se no seu legado.

No artigo *Eco- Theatre: The Grassroots Is Greener*, o pesquisador Downing Cless fala da evidente catástrofe ambiental que os Estados Unidos estavam passando, e relata o evento que ficou conhecido no mundo inteiro como maré de seringas, onde naquele ano de 1988 uma enorme quantidade de lixo hospitalar foi arrastado para a costa de Nova Jersey e Nova York. Partindo do princípio da catástrofe ambiental, o autor fala do papel do teatro como ativista ambiental e de autores que pesquisam o Eco Teatro, dando ênfase a Una Chaudhuri, professora da universidade de Nova York, que segundo Downing Cless, foi ela quem abriu em 1994 a discussão acadêmica em torno do tema ecológico dentro do teatro com o artigo *‘There Must Be a Lot of fish in That Lake- Toward an Ecological Theater’* “Deve Haver Muitos Peixes Naquele Lago- Em Busca de um Teatro Ecológico”.

O autor se limita a dizer que Chaudhuri sugere uma teoria inovadora, e que para ele o fato de haver várias peças de teatro tratando sobre esse tema de forma isolada na Califórnia, pode estar se configurando um teatro ecológico. Cless também afirma que estas manifestações cênicas com temáticas ambientais, tem um apelo popular, ou seja, envolvem o a plateia no espetáculo durante as apresentações, e este envolvimento, este recurso usado pelas companhias teatrais, provém de uma encenação Fórum onde se discute com a plateia os resultados esperados ou, às vezes, a plateia está participando, mas não sabe que está em um teatro invisível.

No conteúdo, estas peças de teatro e de performance de Seattle passam o espectro do particular ao universal; alguns abordam questões específicas, como extração de madeira ou pesticidas, enquanto outros têm uma visão de longo prazo,

olhando para as raízes da degradação ambiental e o potencial para um futuro mais sustentável (CLASS, 1996).

Fiel ao teatro de base, essas obras têm uma base sólida na comunidade, seja em um lugar particular ou em grupos de pessoas para as quais a performance é orientada. Eles compartilham os princípios do Teatro do Oprimido de Augusto Boal - embora não literalmente “específicos do local” como seu Teatro Invisível, eles frequentemente estão enraizados nos problemas ambientais de uma localidade imediata; embora não sejam totalmente ativados pelo espectador como o Teatro Fórum de Boal, eles geralmente têm um elemento de participação do público e sempre têm personagens ou incidentes extraídos diretamente da contribuição da comunidade.[...] O teatro ecológico é mais refrativo do que reflexivo, mais uma vez aderindo à premissa de Boal de que o realismo direto nega a ação futura dos espectadores (ver Boal1995). (CLASS,1996,p. 79, tradução nossa)³



Figura 5Performance : Madeira pelo Teatro Público de Seattle. (1991)

Fonte: Foto de Stephen Horan

3 “In content, these plays and performance pieces run the spectrum from particular to universal; some address specific issues such as logging or pesticides while others take the long view, looking at the roots of environmental degradation and the potential for a future that is more sustainable. True to grassroots theatre, these works have a firm basis in community, either a particular place or groupings of people to whom the performance is oriented. They share tenets of Augusto Boal’s Theatre of the Oppressed—though not literally “site-specific” like his Invisible Theatre, they often are rooted in the environmental problems of an immediate locale; though not fully “spectator-activated like Boal’s Forum Theatre, they usually have an element of audience participation and always have characters or incidents directly drawn from community input.”[...] Eco-theatre is refractive rather reflective, again adhering to Boal’s premise that straightforward realism negates future action by spectators (see Boal 1995)” (CLASS,1996,p. 79)

Outras importantes contribuições para o teatro ecológico, citadas no artigo de Cless são os trabalhos desenvolvidos diretamente em comunidades de base através dos Grupos *Teatro Nuestro* com a peça *La Quinceanera*, e pela autora Cherrie Moraga com a peça *Heróis e Santos*. De acordo com o autor, a pegada ambiental tanto do *Teatro Nuestro*, quanto de Moraga, eram voltados às comunidades rurais latinas que viviam na Califórnia, e o tema abordado em seu teatro era o combate aos pesticidas.



Figura 6up*ROOTED*, pela *UKiah* Músicos do condado de *Mendocino*, Califórnia, EUA (1991)

Fonte: Foto de Downing Cless

Essa conexão é convincentemente traçada em duas peças sobre os efeitos dos pesticidas sobre comunidades agrícolas latinas: *heróis e santos* de Cherrie Moraga (1992) e *La Quinceanera* de *Teatro Nuestro* (1990), ambos de San Francisco. Eles dramatizam vividamente como os venenos pulverizados que supostamente contribuem para a nutrição humana de fato se infiltram e acabam destruindo vidas, famílias e comunidades; o espírito é intoxicado junto com o corpo e a ecologia é destruída pela economia”. (CLASS,1996,p. 84, tradução nossa)⁴

⁴ “This connection is compellingly drawn in two plays about the effects of pesticides on Latino farming communities: *heroes and Saints* by Cherrie Moraga (1992) and *La Qinceanera* by *Teatro Nuestro* (1990), both from San Francisco. They vividly dramatize how sprayed poisons that allegedly contribute to human nourishment in fact seep into and ultimately destroy lives, families, and communities; the spirit is toxified along with the body, and ecology is decimated by economy”. (CLASS,1996, p. 84)



Figura 7 Músicos e performers do Teatro Nuestro, San Francisco-California-EUA em La Quinceanera (1990)

Fonte: Foto de Cliffs Coles.



Figura 8 Heróis e santos de Cherrie Moraga - Centro Cultural- San Francisco-California- EUA

Fonte: Foto de David Allen.

O que podemos notar até aqui, é que houve um teatro nos Estados Unidos, principalmente no estado da Califórnia, que partiu do Teatro do Oprimido para falar de ecologia e se engajar em movimentos de defesa do planeta e dos seres humanos.

Movimento que começou na década de 1970 e ganhou força na Califórnia na década de 1990, com o apoio de artistas e pesquisadores, adentrando as universidades através de palestras e eventos com participação maciça da professora e pesquisadora Una Chaudhurida Universidade de Nova York.

Em seu artigo “*Must Be a Lot of Fish in That Lake: Toward an Ecological Theater*”(1995) (“Deve Haver Muitos Peixes Naquele Lago: em direção a um teatro ecológico” (1995), Chaudhurinos dá algumas pistas em direção a um Teatro Ecológico, porém se atém às questões do naturalismo e hiper naturalismo debruçando-se sobre as obras de Ibsen e Tchecov e fala da necessidade de uma eco dramaturgia.

Outra manifestação, do viés ecológico é a companhia Italiana, Fluido número 9, que promove todos os anos, desde 2013 um festival de Artes denominado *stramboli-Feste di teatro eco logico*. Nesse evento participam, atores, dançarinos, performers, além de estudiosos de vários campos e áreas do conhecimento, como da geologia e da astronomia. Nessa festa que sempre se passa no começo do verão Italiano, são encenadas várias peças de teatro, em sua maioria clássicos como “A Tempestade”, “Sonhos de uma noite de verão”, entre muitas outras.

“Encontro entre teatro, música, artistas de dança e estudiosos e especialistas em diversos campos culturais, sociais e científicos. E é uma oportunidade de conhecer estes e o público, reunidos na pérola negra do Mediterrâneo para comemorar um tema”.⁵(Disponível em <<https://www.festaditeatroecologico.com/>> acessadoem 05/11/2020).



Figura 9 A Tempestade- de Shakespeare- Festival 2016

Fonte:<https://www.festaditeatroecologico.com> acesso em 05/11/2020 às 23:00

⁵ “Incontro fra artisti del teatro, della musica, della danza e studiosi esperti in vari ambiti culturali, sociali e scientifici. Ed è occasione di incontro fra questi e il pubblico, riuniti sulla perla nera del mediterraneo per celebrare un tema”.

O festival ecológico, como foi denominado pela Cia Fluido número 9, além de preencher o espaço da ilha com peças teatrais, traz em sua bagagem, apresentações musicais e de dança. A cia defende que é uma experiência única, tanto para os artistas como para plateia participarem do evento. O contato com a natureza, como ela é, se faz simbólico e aprimora os sentidos, uma vez que se passam 10 dias de festival, usufruindo apenas da luz do sol e o clarão da lua. Os instrumentos tocados sem o acompanhamento de amplificadores tornam o ambiente natural mais agradável, criando maior proximidade do artista com a plateia.

Dando continuidade a essa busca, encontramos dentro do seguimento de bonecos uma companhia teatral que dedicou-se à educação ambiental através do teatro. O grupo mineiro Giramundo, que foi fundado na década de 1970, completou no ano de 2020, cinquenta anos de existência, impulsionado pelo pensamento ecológico, em 2001 lançou uma campanha denominada Mini teatro ecológico, que se arrastaria até o ano de 2005, composto por 6 espetáculos de marionetes, 5 livros e três vídeos. A abordagem do tema ecológico, segundo o próprio Giramundo era feita a partir de personagens do bioma brasileiro, e em meio os animais da floresta tinha-se o pano de fundo do folclore brasileiro.



Figura 10 Mini teatro ecológico Giramundo

Fonte: Mini Teatro Ecológico (sescmg.com.br)

Os biomas brasileiros, seus animais e seus problemas ambientais são o tema central da dramaturgia dos espetáculos. Ao lado dos animais habitantes de cada meio ambiente, os episódios apresentam personagens do folclore do Brasil (GIRAMUNDO, 2018, p. 9).

Outros dois exemplos que damos da ocorrência de um teatro ligado as florestas, são o Jabuti-Bumba, que se autodenomina grupo folclórico do Jabuti da Floresta, que pregam a resistência, a defesa do meio ambiente e o culto das plantas de poder. Não

longe da mesma linguagem encontramos o grupo Vivarte que encena suas performances dentro de embarcações e nos leitos dos rios cercados pela floresta. Trazem também como marca desse teatro o culto da ayahuasca, elemento este, que traduz o entendimento milenar narrado pelos povos da floresta e suas crenças e que também é fonte de ensino nessa pesquisa. Sentimo-nos influenciados por essas forças que emanam da floresta, e que acreditamos, que somente da floresta poderia sair um grito legítimo, uma voz que merece ser ouvida como um lamento de dor e pedido de socorro pela perda da diversidade da vida.

Propomos como teatro ecológico ligado ao processo de experimentar algo que venha a contribuir com a nossa existência sensível, que o ato de SER, esteja plenamente conectado a todos os fios e teias tecidas pela natureza planetária, como diz o provérbio maia *In Lak'ech*, (eu sou o outro você, ou apenas, eu sou você e você é eu), um ato simples de se reconhecer no outro, seja na pessoa humana, na pessoa montanha, na pessoa árvore, ou qualquer persona que seja e também saber que ela, a pessoa também te reconhece. E para finalizarmos esta seção façamos uso das palavras de Krenak que nos chama a atenção para o fato de sermos humanos:

Quando falo de humanidade não estou falando só do *Homo sapiens*, merefiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. (KRENAK, 2020, p.7)

Talvez não seja uma fala muito otimista, a que trazemos para finalizar essa parte do texto, mas é algo que se não podemos afirmar como verdade, podemos pelo menos chamar de reflexiva e lembrar que devemos agir em nós mesmos se quisermos a continuidade da nossa espécie no planeta. E como o homem parece não ouvir o homem, traremos em nossos experimentos cênicos a palavra do Curupira, encantado que ao nosso ver representa bem a defesa da biodiversidade terrestre. Vamos conhecer um pouco sobre essa entidade.

2 AS NARRATIVAS DE CURUPIRA

Lá pelas bandas do rio Purus, numa região chamada de terra firme, um ribeirão me disse essa história:

[...] o Zé das Chagas, que morava sozinho com as três filhas, lá pras bandas das terras firmes, tinha fama de valente, entrava na mata, e atirava nas caça, só pra vê os bicho caí. Um dia o Curupira farejou o rastro dele, e decidiu se vingar, chegou bem perto do Zé e falou: -Cê me conhece, Zé das Chagas? O Zé vendo aquela coisa lhe chamando pelo nome, ficou da cor do leite da castanha, igualzinho o leite da seringa. Pensando que era uma assombração foi logo dizendo que não. – Não precisa ter medo Zé, eu sou o Curupira, protetor dessa mata. Você caça muito? E o Zé disse que não. – Só pra comer mesmo, quando a macaxeira tá fraca. O Curupira sabendo que era mentira, propôs um trato. – Ô Zé, você quer virar um caçador dos bons. Daqueles que pega anta, veado e queixada num só dia? Mais que depressa o Zé falou: - quero sim, já pensando nas maldades que podia fazer, e melhor ainda com permissãodo zelador da mata. O Curupira disse, então: – tá arranjado, só que tem um porém, você tem que me dar a sua filha mais nova em casamento. Aí o Zé das Chagas, ficou intrigado, mas sabia que não podia dizer não pro bicho. Quando chegou em casa, falou para filha mais velha que tinha arranjado um casamento pra ela. E pensou com ele, vou enganar o Curupira, a mais nova eu não entrego. No dia seguinte, o Curupira foi lá na casa do Zé, e antes de entrar, se transformou num homem bem bonito, num desses homens de pele preta que dá gosto de ver, alto, forte, cabelo bem aprumado, e braço de remador, um espetáculo de homem. Diz o Zé que ficou encantado com a formosura do moço, que não se parecia nada com aquele bicho cabeludo, que mais parecia um macaco anão que ele viu na floresta. O Curupira chegando foi logo dizendo: - Ô de casa, e a moça quando viu aquele homem não pensou duas vezes em se entregar à ele. Encurtando a conversa, o Curupira levou a moça para casa. Sabendo que tinha levado a mais velha, lá chegando pediu para ela armar o fogo que ele ia caçar, então ela, fez tudo direitinho para impressionar o marido, ficou cheirosa e pôs a panela pra ferver. Depois de um tempo, volta o Curupira só com a faca na mão, olha para moça e diz: - O cheiro tá bom! E num só golpe, pôs a dama na panela. Passado um tempo o Curupira voltou a casa do Zé, e se queixou que a mulher fugiu ou se perdeu na mata, e exigiu a filha do meio. E lá se foi a filha do meio no mesmo ritual. Passado mais um tempo, o Curupira insatisfeito, voltou a casa do Zé das Chagas, exigindo a filha mais nova, a última que faltava. O Zé relutou, mas não tinha o que fazer, antes tivesse ido embora. E lá se foi a filha mais nova do Zé com aquele que parecia um homem bonito. Chegando na casa do Curupira, a moça, começou a fazer um monte de pergunta a respeito do sumiço das irmãs. Como o Curupira não queria levantar desconfiança, disse logo a moça: – Tô com muita fome, e você deve estar também, vou caçar alguma coisa para gente comer e logo volto, enquanto isso você arma o fogo e põe a panela pra ferver. Deu um beijo daqueles que a moça nunca tinha recebido, e lá se foi ele. Mas a mais nova, era muito desconfiada, arrumou tudo rápido e se pôs a procurar as vestes e vestígios das irmãs pela casa, foi então que um macaco guariba chamou a atenção da moça e ela se pôs a persegui-lo, e no meio da perseguição, ela tropeçou num monte de ossos e junto a eles os pertences das irmãs. Viu que não tinha pegada nenhuma de bicho, então pensou consigo, não foram devoradas por nenhuma fera, os ossos tão bem limpinhos, do jeito que só se cozinha uma paca. A moça estremeceu e percebeu que corria perigo, e que o matador só podia ser aquele que sabia armar o fogo, no caso, o homem que ela tinha aceito como marido. Voltou para casa nova, e armou uma tocaia, quando o homem chegou procurando por ela, ela o golpeou na cabeça e o jogou na panela. Mas Curupira não morre, fica desaparecido por sete anos e depois volta. Foi o tempo pro Zé e a filha dele sumirem dali. Um compadre disse que de passagem

o Zé prometeu nunca mais fazer mal algum à floresta ou a qualquer coisa que viva na mata, e que todo dia reza pro Curupira não mais encontrar ele e a filha.

O narrador de Boca do Acre, após empunhar um galho que lhe serviu de cajado, me chamou para uma clareira na beira da mata e lá atuado de sua verdade, me contou essa história.

No **dicionário do folclore brasileiro**, Cascudo faz relatos do aparecimento do Curupira:

Curupira: Um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras. Decuru, contrato de corumi, e pira, corpo, corpo de menino, segundo Stradelli. O Curupira é representado por um anão, cabeleira rubra, pésao inverso, e calcanhares para frente. A mais antiga menção de seu nome fê-la o venerável José de Anchieta, de São Vicente, 30 de maio de 1560: “É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e *que os brasis chamam* Curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos curupiras que não lhes façam mal. “[...] uma sapopema gigantesca. É morada de Currupira. Moradores que são obrigados a passar pelo local já têm sentido o remorso (calafrio) de uma visagem_ Gostam imensamente de fumo e de pinga. Seringueiros e roceiros deixam esses presentes nas trilhas que atravessam, de modo a agradá-los ou pelo menos distraí-los. Na mata os gritos longos e estridentes dos currupiras são muitas vezes ouvidos pelo caboclo. Também imitam a voz humana, num grito de chamada, para atrair vítimas. O inocente que ouve os gritos não se apercebe que é um Currupira e quem dele se aproxima perde inteiramente a noção do rumo”. (CASCUDO, 1954, p.332).

Nas narrativas que se seguem buscamos evidenciar o caráter cênico contido nas histórias que envolvem essa figura do mundo dos encantados que vem preenchendo o imaginário popular, ganhando vida nas histórias em quadrinhos e até mesmo nas séries de TV.



Figura 11 História em quadrinhos

Fonte: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2019/01/chico-bento-n-53-editora-globo.html>
 acessado em 03/03/2021 às 20:00

Na história, o Curupira joga um encantamento no Papa-Capim e de acordo com a situação o indiozinho vai se transformando em um animal diferente. E para começar a lição, ele vira uma ave grande que não pode voar. Imediatamente aparecem dois indígenas que se põem a caçá-lo, e quando uma flecha ia acertando Papa-Capim, ele se encanta em um tatu, e por aí segue a viagem do indígena caçar trocando de corpos, até que se transforma em macaco e ouve a conversa de dois homens brancos tramando capturar vários animais da floresta para servir de fonte de renda. O indiozinho, agora no corpo do macaco tenta avisar aos animais da floresta, mas ninguém o entende. Vai então ao socorro de seus amigos na comunidade, porém, chegando lá, se metamorfoseia em

uma onça e acaba afugentando a todos. Foi aí que teve a ideia de ir ao encontro dos caçadores mal intencionados e, naquela forma de onça, expulsa-os da floresta. O Curupira, vendo a benfeitoria do indígena, retirou dele o encantamento. Papa-Capim volta para a sua aldeia, a mãe dele fala que tem perdiz assada, cozido de tatu e sopa de tartaruga no almoço, os mesmos animais que ele tinha passado pela transformação. Ele recusa o almoço dizendo que prefere um purê de mandioca.

A história contada por Mauricio de Souza no HQ número 53 da Editora Globo naquele ano de 1989 evidenciava para as crianças e outros leitores o espírito ecológico do Curupira e seu compromisso com a defesa da natureza e da vida. Forma que já vinha sendo narrada desde Anchieta, como nos mostrou Câmara Cascudo.

Recentemente, no ano de 2021, a produtora Netflix produziu a série Cidade Invisível que conta com a narrativa de vários encantados, entre eles o Saci e a Yara, mas com grande destaque à figura do Curupira, que vivendo disfarçado na cidade, tenta esconder o seu verdadeiro eu, mas provocado pela “morte” de seu amigo, retorna a floresta para desempenhar o seu papel e desta forma manter-se sempre em cena.



Figura 12 O Curupira na Série Cidade Invisível

Fonte: <https://sobresagas.com.br/cidade-invisivel-conheca-os-mitos-e-lendas-que-inspiraram-a-serie> acessado em 03/04/2021 às 20:00

Para concluir nossa breve explanação sobre o personagem Curupira, retomamos o ano de 2019 quando o Curupira ocupou os palcos do festival do Boi de Parintins no

Amazonas. Nessa narrativa, o Curupira assume o protagonismo da cena e se divide em sete espíritos.

3 UM TEATRO ECOLÓGICO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS CÊNICAS E NARRATIVAS DE CURUPIRA

Nesta terceiraparte buscamos descrever, algumas experiências que aconteceram na pesquisa de campo. Partimos da seguinte ideia de Boal:

O pensamento não está aprisionado em nenhuma área exclusiva, como a visão e a audição, mas pode acender todas e quaisquer, a qualquer momento. Pode ativá-las intencional e direcionadamente, ou ativam-se por si mesmas quando ideias ou sensações acendem a memória, que é brasa, ou a imaginação - fogo que se alastra mesmo contra a vontade consciente do sujeito, na vigília como no sono (BOAL, 2008, p.10)

Buscamos através de um Teatro Ecológico ativar a memória ancestral do nosso interlocutor, mesmo que seja apenas vagas lembranças, acreditamos que o uso das narrativas de Curupira remete o ouvinte, o leitor ou o espectador, a um estado contemplativo de suas próprias memórias de uma relação mais próxima com a natureza.

Não há como ouvir uma história de Curupira sem ser remetido diretamente a uma floresta, campina ou a qualquer lugar da natureza que é palco das manifestações dos encantados.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter. (KRENAK, 2019, p.16)

Parafraseando o professor Zeca Ligiero, propomos: “batucar, cantar, dançar e contar” (LIGIÉRO, 2019, p.40) para despertar a consciência do ser. Experimentamos um Teatro Ecológico para: “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu e ampliar nosso horizonte” (KRENAK, 2019, p.21). Levamos os participantes a viajar nessa nave que é a terra.

A Terra é nossa Mãe
A Terra é nossa Mãe, devemos cuidar dela,
A Terra é nossa Mãe, devemos cuidar dela.

Ú Unidos é assim que somo um

Ú Unidos é assim que somo um

[...]

A Terra é Nossa Mãe (Projeto Hanuman, disponível em <https://youtu.be/ejejGD5aPO0>) acessado em 23/05/2021 às 21:00.

Muitos dos elementos que consideramos válidos para um teatro ecológico, estão presentes no **teatro das origens** defendido por Ligiéro (2019), encontrados também nas manifestações religiosas e artísticas dos povos ameríndios. Nossos experimentos cênicos, pretende trabalhar a sensibilização do ser, algo que beira a magia de se encontrar e entender o real papel do ser humano frente a natureza que ele é, e a natureza que ele está inserido.

O teatro ecológico propõe o contato com a terra, o cantar para um mundo mais leve, o bater o pé no chão e a representação de algo que nos chame a atenção para a continuidade da vida, para as narrativas ligadas aos povos ancestrais.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, 2019, p.17.)

O jogo descrito a seguir faz parte do processo de experimentação de um Teatro Ecológico a partir de narrativas de Curupira. Começamos deitando no chão, cada um imagina-se um animal que gostaria de ser. Induzidos por música e sons em uma floresta, abandonam o animal e viram uma semente que brota e dá vida a uma árvore. Vai se levantando como uma a árvore crescendo, sempre com os olhos fechados e embalados por música e sons da natureza. Quando a árvore já estiver frondosa, um grande incêndio acomete a floresta e a árvore precisa fugir, mas não tem pés. Tudo em volta está queimando e se destruindo. Neste momento com a música em tom mais tenso, transmuta-se daquela forma de árvore, para o animal que havia escolhido anteriormente. Nesse instante o espírito da árvore metamorfoseia-se e vira um animal que foge do fogo, abandonando a floresta em chamas. O animal vai à beira de um igarapé ou rio de águas claras para se refrescar e descansar. Na posição de relaxamento no chão, tal qual o animal, agora seguro e refrescado vai se levantando e pronunciando o próprio nome, e à medida que for ficando em pé vai aumentando a tonalidade da voz, até que todos possam ouvir o seu nome, aí este já estará em pé com os olhos abertos.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em

periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. (KRENAK, 2019, p.13)

Que o teatro possa então construir a ecologia do ser, da união e do encontro. Propomos, no Teatro Ecológico a partir das Narrativas de Curupira, o exercitar o ser, a reciclagem do modo de vida, o cantar para suspender o céu, para que nossa vida fique mais leve e vivamos unidos, todos juntos somos um, na nossa diversidade.

Concluimos que os experimentos cênicos através das narrativas de Curupira, bem como as narrativas indígenas e as dos povos afro-ameríndios podem contribuir na direção de um teatro atual e emergente, a criação de um teatro ecológico.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro Ed: Garamond, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1954.

CHAUDHURI, Una. **“There Must Be a Lot of Fish in That Lake”: Toward an Ecological Theater**. NY, 1995.

CLESS, Downing. **Eco-Theatre, USA: The Grassroots Is Greener**. Published by: The MIT Press. NY, 1996.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Ed Companhia das letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Ed Companhia das letras, 2020.

LATOUR, Bruno. **Gaia Global Circus**. França 2016 Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/fr/node/359.html>. Acessado em 13/05/2021 às 20:30

LIGIÉRO, Zeca. **Teatro das Origens: estudo das performances Afro- Ameríndias**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2019.